



NOSCE TE IPSUM
REFLEXÕES SOBRE A SABEDORIA

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica

Para título deste artigo escolhi a frase *Nosce te ipsum*, que corresponde à tradução latina do antigo aforismo grego γνῶθι σεαυτόν e significa, como é do acervo comum, "Conhece-te a ti mesmo". Cito-a porque, além de ser bastante famosa, revela a importância do autoconhecimento e antepõe-se assim às considerações sobre o tema da Sapiência que constitui o assunto central do ensaio, como se depreende do seu subtítulo "Reflexões sobre a Sabedoria". Embora não se tenha a certeza absoluta em relação a quem foi autor desta máxima, a sua autoria é frequentemente atribuída ao sábio grego Tales de Mileto. Apesar disso, existem teorias que afirmam que a frase foi dita por Sócrates, Heraclito ou Pitágoras. O aforismo, como pode ver-se na imagem que adorna a página de início, está inscrito na entrada do templo de Delfos, que foi construído em honra de Apolo, o deus grego do sol, da beleza e da harmonia. A máxima completa é: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo." e deveria levar os seus leitores a concluir que o processo de autognose muda a forma como se interage com o mundo e com os outros e abre a possibilidade de se aprender e de ter novos interesses.

Tendo em vista que um dos objectivos da revista *Gaudium Sciendi* é incentivar reflexões esclarecidas sobre tópicos que convocam e provocam a nossa inquietude colectiva, espero que este breve comentário ao tema da Sapiência contribua para iniciar um debate sobre a matéria que, através de um diálogo interdisciplinar, potencialize a

* **NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA** - Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática de Estudos Ingleses e Americanos, Investigadora Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura e Directora da revista *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica. Entre as suas actividades académicas, destacam-se: a docência e a coordenação (cursos de Mestrado, Doutoramento e Pós-Graduação; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica e Projectos de Investigação). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta. Nos EUA, foi "Gulbenkian Fellow", "John Carter Brown/National Endowment for the Humanities Research Fellow"; "Fulbright Scholar" e "Visiting Researcher" e ensinou nas Universidades de Georgetown, Brown e Fairfield. Além de organizar colóquios internacionais e de proferir várias conferências e palestras em lançamento de livros, publicou: *As Humanidades e as Ciências—Dois Modos de Ver o Mundo* (Co-editora, 2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (Co-editora, 2011) e como autora, *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (³2011, ²2006, ¹2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas, jornais e enciclopédias.

transferência de conceitos de um campo para o outro, concorrendo assim para aquilo que já foi designado como hibridação metodológica.

Outro dos propósitos do meu texto seria que, ao analisar a complexa tessitura cultural do conceito de Sapiência de uma perspectiva transversal, concorresse para tentar, através do supracitado diálogo académico, chegar a um produtivo cruzamento ou ecologia de saberes, referindo igualmente todo o aparato crítico de fulcral importância que o estudo de uma questão tão complexa implica.

Considerando que o tema deste artigo é a Sabedoria, que, em alternância, será também designada como Sapiência, ao longo do texto, irei tentar definir e determinar o modo como poderemos analisar e cultivar esta concepção, tanto em nós próprios como, na qualidade de professores e pais, nos outros. Proponho-me igualmente reflectir sobre a designação de "sábio" pois denomina-se, geralmente, assim aquele que tem conhecimento de matérias que interessam a todos e que sabe pôr a sua erudição em prática.

Ao reflectir sobre o tópico da Sapiência, uma das primeiras questões que, obviamente, se levanta é a definição do conceito assim como o estudo da sua natureza, origem e desenvolvimento. Porém, como se trata de um constructo psicológico muito elusivo, que se pode mesmo classificar como vago, obscuro e difícil de explicar ou de entender, nas últimas décadas, devido à dificuldade intrínseca da temática, têm sido frequentes os debates sobre o significado desta noção, que, desde há muito, está firmemente enraizada na psicologia colectiva.

Neste ensaio, além de tentar definir o conceito e de me debruçar sobre o conhecimento actualmente existente sobre a matéria, irei também questionar-me sobre o motivo da notoriedade do tema e sobre a razão pela qual ele se afigura relevante. Uma das justificações é, sem dúvida, o facto inegável de a investigação até agora realizada – que se baseia num conhecimento alcançado com o apoio de resultados obtidos com instrumentos metodológicos específicos - ser particularmente necessária e benéfica na nossa época em que se reconhece como é essencial saber como fazer as escolhas certas e dar maior inteligibilidade à dinâmica social. Essa necessidade deriva do facto de, na sociedade cada vez mais tecnologizada em que vivemos, se verificar que indivíduos, aparentemente inteligentes e poderosos, tomam decisões erradas por seguirem regras e incentivos estabelecidos por outrem e por não cultivarem, nem aplicarem, a sua sabedoria congénita na vida quotidiana.

A indagação parece especialmente pertinente na nossa época em que há um conhecimento científico e avanços tecnológicos sem paralelo. Contudo, apesar de toda a nossa ciência, não parecemos ter sabedoria em excesso, sendo, por vezes, até evidente exactamente o contrário, visto que, outrora, os filósofos pensavam e reflectiam muito sobre a natureza da Sapiência e a forma como tinha evoluído e falavam também de "sabedoria prática", que consideravam ser o modo correcto de fazer as coisas certas.

Efectivamente, embora, nos nossos dias, a sapiência tenha sido empiricamente analisada e investigada, trata-se de uma concepção muito antiga, que tem vindo a ser adaptada nas diferentes culturas, sendo também considerada no âmbito da teologia. O facto de existir há muito tempo em diferentes partes do mundo torna bastante difícil que uma única definição seja unanimemente aceite.

Segundo alguns dos múltiplos estudiosos da noção de sabedoria, para a sua evolução contribuiu o ambiente de positivismo lógico e de neofuncionalismo - que dominou praticamente todas as pesquisas na primeira metade do século XX - assim como a circunstância de, em muitas sociedades actuais, haver uma perspectiva negativa sobre a ideia de envelhecimento com a qual o conceito de sapiência estava historicamente associado. Como é do domínio comum, este quesito não é retórico e foi completamente alterado, tendo mesmo sido excluído dos contextos específicos das investigações científicas rigorosas.

Ao analisarmos o actual conhecimento sobre o tema, vemos que, nos nossos dias, o estudo da Sabedoria tem atraído muito interesse como um macro campo independente, sobretudo de um ponto de vista prático, e como observação do modo como se pode "fazer aquilo que está certo". Nesta perspectiva, segundo afirmam alguns investigadores¹, o tema terá evoluído do âmbito da filosofia para a neurociência. O seu estudo corresponde a um apelo racional, e até urgente, para se desenvolver e promover o tipo de sabedoria prática já referenciada e que pode ser considerada como uma qualidade humana essencial e que, gradualmente, foi sendo eliminada das nossas vidas. A posse dessa sapiência irá dar-nos coragem para confiarmos no próprio discernimento, cultivando e aplicando, deste modo, a nossa sabedoria inata.

¹ Refiro-me, entre outros, aos autores das mais recentes publicações, que cito nas Referências Bibliográficas, tais como: Susan McNeal Velasquez (*Beyond Intellect: Journey into Wisdom of your Intuitive Mind*, 2007) e Nicholas Maxwell (*From Knowledge to Wisdom: A Revolution for Science and the Humanities*, 2007).

Estas podem ser algumas das respostas a perguntas como "O que é a Sabedoria?" ou "Porque estudar a Sapiência?". Através da nossa análise do tema, vemos que - desde o tempo dos antigos filósofos gregos, como Aristóteles², até hoje - são inúmeros os indivíduos que procuram a sabedoria tanto nas suas vidas profissionais como nas opções pessoais, queixando-se da falta de abordagem humana nos questionamentos relativos ao modo como se deve viver e interagir com os outros.

Uma reflexão esclarecida sobre o tópico parece, por isso, ser necessária e relevante por vivermos numa época confusa e violenta e num mundo complexo e em mudança constante e acelerada pelos avanços tecnológicos e a propósito do qual há já uma jeremiada da crise. Contribuir para um debate com base conceptual transversal, que incite à meditação sobre os nossos conceitos actuais e sobre as concepções clássicas de sabedoria, poderia contribuir para trazer de novo a Sapiência para a nossa sociedade, possibilitando um entendimento competente e redefinindo melhor a nossa condição humana e as nossas vivências.

Alguns estudiosos defendem já, por isso, a aplicação de uma futura teoria da Sapiência que se viesse a tornar na grande narrativa central da Humanidade, na qual a sabedoria seria vista como o mais alto ideal a atingir e que iria contribuir para o nosso desenvolvimento pessoal e colectivo, constituindo como que um novo paradigma do século XXI. Confirma-se, pois, que necessitamos de nos debruçarmos sobre *Prajña*, a palavra usada em Sânscrito para Sapiência, e de reflectir sobre aquilo que se pode considerar como uma combinação de qualidades cognitivas e afectivas da personalidade dos indivíduos. Com esse objectivo, teremos de reflectir sobre a história da Sapiência e sobre o seu lugar no nosso mundo contemporâneo, analisando a sua constituição, o motivo da sua relevância e o modo como se pode desenvolver, tal como supracitado. O domínio da Sabedoria permite-nos tornar conhecidas as verdades universais sobre o mundo e dispor de "sabedoria prática" possibilita aos "sábios" e às organizações actuarem, em qualquer capacidade, sobre as verdades abrangentes acerca da estrutura e da função das sociedades.

Se, com esse propósito, analisarmos as diferentes culturas, que - em todo o mundo e ao longo do tempo - têm avaliado e apreciado esta noção e, através das suas literaturas, têm procurado contribuir para o seu desenvolvimento, verificamos que se trata de um

² Aristóteles afirmava que conhecer-se a si próprio era o início de toda a sabedoria.

modo de pensar positivo, que implica a realização de acções que concorram para o bem-estar de toda a humanidade e que sejam baseadas em vários princípios, tais como: Tolerância, Verdade, Conhecimento, Justiça, Igualdade, Amor, Respeito e Perdão estabelecidos através da crença no processo de evolução da natureza humana para a paz e a prosperidade.

Para se enunciar uma definição abrangente de sabedoria é conveniente compreender as teorias implícitas ou subentendidas, que os indivíduos mantêm como parte da sua experiência diária e que correspondem ao modo de pensar da maioria das pessoas. Trata-se de noções comumente admitidas e que representam o conhecimento adquirido a partir de experiências, vivências e observações do mundo. O significado do conceito de Sapiência deriva dessas noções do senso comum, que se caracteriza por proficiência empírica acumulada ao longo da vida e passada de geração em geração. Trata-se de um modo genérico e espontâneo de assimilar informações e perícias úteis no quotidiano. Esse senso comum – que é uma maestria assistemática e não possui uma organização prévia nem se baseia na investigação - é uma herança cultural, que tem a função de orientar a sobrevivência humana nos mais variados aspectos e que está associado ao conhecimento irreflectido enquanto o senso crítico se fundamenta na reflexão e na pesquisa e analisa com inteligência as informações obtidas a fim de se tentar chegar a uma conclusão.

Ao reflectir sobre o assunto, verifica-se que a humanidade se interessa pela compreensão da Sabedoria desde seus primórdios. Já no Antigo Egipto a sapiência era citada em documentos que datam de 3.000 a. C. e os Gregos acreditavam que ela seria uma dádiva que os deuses concediam aos filósofos, para com ela poderem contemplar a verdade e consideravam que a deusa da sabedoria era Atena, sendo esta divindade também a detentora da verdade e da justiça e a protectora da cultura³.

Sendo o nosso tema um dos objectivos do saber filosófico, vemos que, neste âmbito, a Sabedoria é considerada como a virtude que leva os homens à demanda do Bem, da Verdade e do Belo. A este propósito, basta evocar o facto de que filosofia (do Grego *φιλοσοφία*) - que significa literalmente "amor (*filo*) da sapiência (*sofia*)" e implica o estudo de problemas fundamentais relativos a temas como Existência, Conhecimento, Valores, Razão, Espírito e Linguagem - pode ser considerada um sinónimo de sabedoria, ou de erudição. Nesse sentido, podemos afirmar que todas as culturas têm uma tradição filosófica e lembrar que

³ Entre os Romanos, a equivalente a Atena era Minerva, a deusa das artes, comércio, magia, medicina, poesia, sabedoria e tecelagem.

a filosofia ocidental data dos filósofos gregos, que viveram na Antiga Grécia, no início do século VI a. C..

Pitágoras (570–495 a. C.), a quem tradicionalmente se atribui a primeira utilização do termo, distinguiu-se dos outros "sábios" por se considerar apenas um mero apaixonado da sabedoria. Por sua vez, Sócrates (470–399 a.C.)⁴ insistia que não tinha sapiência mas que a procurava. A famosa expressão "Conhece-te a ti mesmo", que estava gravada no pórtico do templo de Apolo, o patrono grego da sabedoria, como supramencionado, passou a ser o lema do filósofo. Essa consciência da própria ignorância pode considerar-se como o início da filosofia e Sócrates inquiria sobre a definição daquilo que viria a ser uma ideia e um valor e investigava a verdadeira essência do conceito.

Para Aristóteles, sabedoria era uma capacidade afirmativa e não uma aptidão com um foco limitado. Era uma competência abrangente da forma como viver e actuar do modo característico e distintivo da vida humana, tal como relativamente a tomar decisões e fazer escolhas ou ao modo de estatuir acções emotivas. Aristóteles apelidava este tipo de sabedoria como "prática" e designava-a com a palavra grega *Phronesis*. No Livro 6 de *Ética a Nicómaco*, Aristóteles distingue entre dois tipos de virtudes intelectuais, que são, por vezes, traduzidas como Sabedoria e que o filósofo designa como: *Sophia* e *Phronesis*. A primeira, que correspondia a "sabedoria teórica", é uma combinação de *Nous*, a capacidade de discernir a realidade, e de *Episteme*, um tipo de conhecimento, que é construído logicamente e pode ser ensinado, equivalendo ocasionalmente a ciência. *Sophia* implicaria raciocinar acerca de verdades universais e *Phronesis* combinava a capacidade de pensar racionalmente com um tipo de conhecimento e requer a competência de considerar logicamente acções que têm os efeitos desejados.

Aristóteles afirma que *Phronesis* não é apenas uma técnica (*techne*), pois envolve não só a capacidade de decidir qual o modo de agir para atingir um determinado fim, mas também a habilidade de reflectir e determinar objectivos, que sejam consistentes com a pretensão de viver bem de um modo geral. Chama também a atenção para o facto de que, embora *Sophia* seja mais elevada e mais importante do que *Phronesis*, a indagação mais proeminente da sabedoria e da felicidade requer ambas, porque a *Phronesis* facilita a

⁴ Sócrates iniciou a sua busca pela sabedoria, que manteve durante toda a vida, por o Oráculo de Delphi, o sacerdote, cuja profecia provinha dos deuses, lhe ter dito que ele era o homem mais sábio de Atenas. Considerou que o Oráculo devia estar enganado pois, embora ele ansiasse por Sapiência, sabia que não a tinha.

Sophia, associando também o filósofo *Phronesis* com competência política. De acordo com a teoria de Aristóteles, *Phronesis* é um dos três tipos de apelo ao carácter (*Ethos*). Os outros dois são invocações, respectivamente, de *Arete* (virtude) e de *Eunoia* (boa mente). Para se alcançar a *Phronesis*, é necessário ter usufruído de experiência e a esse propósito, escreve:

"...embora os jovens possam ser peritos em geometria e matemática e em outros ramos semelhantes do conhecimento [*sophoi*], nós não consideramos que um jovem possa ter Prudência [*phronimos*]. Isto deriva do facto de a Prudência [*Phronesis*] incluir o conhecimento de realidades específicas, e tal deriva da experiência, que um jovem não possui, porque a experiência é o fruto dos anos."⁵

Phronesis está relacionada com pormenores, porque tem a ver com a forma como se actua em situações especiais. Podem aprender-se as regras da acção, mas aplicá-las no mundo real, em situações imprevisíveis, requer experiência do mundo. Aristóteles considera que ter *Phronesis* é tão necessário como suficiente para se ser virtuoso, porém, porque *Phronesis* é prática, não é possível ser-se "fronético" e "acrático", i. e., as pessoas prudentes não podem agir contra a sua sapiência ou prudência.

Já Sócrates considerava também que *Phronesis* era equivalente a ser virtuoso e, conseqüentemente, quando alguém pensava com *Phronesis*, tinha virtude. Por conseguinte, toda a virtude era uma forma de *Phronesis*. Ser bom era ser uma pessoa inteligente ou racional com pensamentos intelectuais e lógicos. Era igualmente a *Phronesis* que nos permitia termos força moral ou ética. No Diálogo *Menon* de Platão, Sócrates explica como a *Phronesis*, uma qualidade semelhante à compreensão moral, é o atributo mais importante para se aprender, embora não possa ser ensinado e se obtenha sobretudo através do desenvolvimento da compreensão da nossa própria identidade.

Similarmente Heraclito (535--475 a. C.), o pensador do "tudo flui", que sintetizou a ideia de que o mundo estava em movimento perpétuo, aponta para a prudência, *Phronesis*, como sendo a mais alta virtude. É o caso do fragmento 12⁶, com a famosa

⁵ *Ética a Nicómaco de Aristóteles*, Tradução portuguesa de António de Castro Caeiro. Lisboa: Quetzal Editores, 2004.

⁶ Hermann Diels, *Os Fragmentos dos Pré-Socráticos*, p. 91. Tradução de *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Walther Kranz, Berlim: Weidmannsche Verlagsbuch Handlung, ⁸1956.

imagem na qual, o filósofo, comparando o que existe à corrente de um rio, afirma que não se pode penetrar duas vezes no mesmo curso de água. Esta imagem foi usada por Heraclito para sublinhar a absoluta continuidade da mudança em cada um dos entes pois tudo está em perpétuo devir. Ninguém pode ingressar duas vezes no mesmo rio, pois, quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas e o nosso próprio ser já se modificou. Assim, tudo é regido pela dialéctica e pela tensão e alternância dos opostos. Portanto, a realidade é sempre fruto da mudança, ou seja, do combate entre os contrários.

De outra perspectiva, se considerarmos o tema da Sabedoria no âmbito da religião, vemos que há, como é evidente, uma longa tradição de se reflectir sobre a sapiência em termos de humildade. Como podemos ler na *Bíblia Sagrada* no "Livro dos Provérbios" (Pr. 11.2): "Depois da soberba, vem a desonra, mas a sabedoria está com os humildes."⁷ Para os pensadores crentes toda a sabedoria emana da vontade de Deus e apenas se pode ser sábio de acordo com a determinação divina. A arrogância e o orgulho levam-nos a querer substituir o arbítrio celeste pela mera sabedoria humana, tal como Adão e Eva fizeram. Por seu lado, a humildade – mesmo a epistémica e cognitiva - é inegavelmente boa. É uma virtude "negativa", que nos transmite aquilo que não devemos fazer enquanto a sabedoria é "positiva", pois diz-nos como viver, como nos comportarmos e como reagirmos.

A sabedoria é, além disso, uma das características mais mencionadas a respeito de Deus, que é denominado onisciente por saber ou conhecer todas as coisas, e, tal como lemos na *Bíblia*: "Como é profunda a riqueza, a sabedoria e a ciência de Deus! Como são insondáveis as suas decisões e impenetráveis os seus caminhos! (Romanos 11:33)⁸. Na Bíblia também é mencionada a sabedoria do Rei Salomão, filho de David, que foi o monarca mais próspero de Israel, sendo também considerado o homem mais sábio do Antigo Testamento e um dos mais eruditos de toda a Sagrada Escritura, onde nos é dito que: "Deus concedeu a Salomão sabedoria e inteligência extraordinária e uma mente aberta como as areias do mar. A sabedoria de Salomão era maior do que a de todos os homens do Oriente e do que toda a sabedoria do Egipto⁹. (1 Reis 5: 9-10). Em toda a Bíblia, e não apenas no *Livro da Sabedoria* (ou *Sabedoria de Salomão*), que é um

⁷ *Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral, Lisboa: Paulus, 2009, p. 922.

⁸ *Idem*, p. 1638.

⁹ *Idem*, p. 422.

dos maiores livros deuterocanônicos da Bíblia, se fala de Sabedoria e do sentido da vida¹⁰. Podemos, pois, falar de Sapiência teológica ao serviço da palavra de Deus.

De outro ponto de vista, no âmbito do saber científico, há que distinguir entre Ciência e Sabedoria e analisar o tipo de conhecimento designado como Ciência, que é muitas vezes considerado como uma aptidão sistemática, pois é organizada a partir de um conjunto de teorias, estudos e observações coerentes e que comunicam entre si. O conhecimento científico é a base da ciência e quase todas as suas preposições, teorias e hipóteses são, em princípio, comprovadas através de uma série de experiências e análises. Durante muito tempo, neste campo de acção, a pesquisa intelectual circunscreveu-se ao conhecimento da causa formal e dos conceitos e definições lógicas. Põe-se, portanto, a questão de se determinar se a Sabedoria é diferente da Ciência e, desde há muito, que as múltiplas investigações intelectuais focam o conhecimento da motivação evidente dessa diferença.

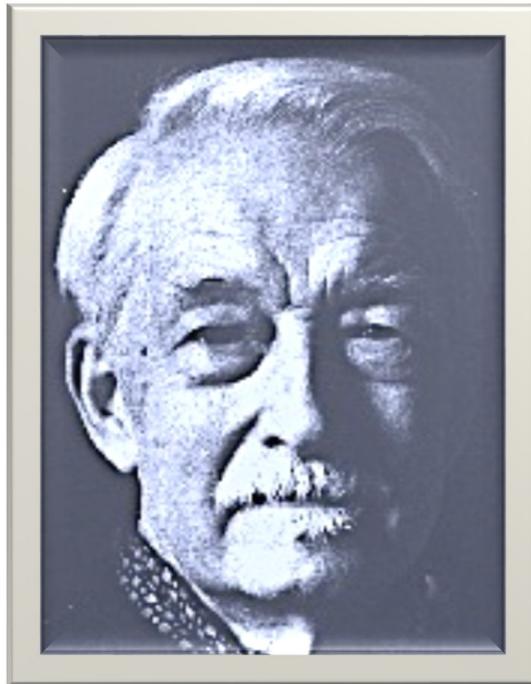
Segundo alguns estudiosos do referido tema da ciência e da sabedoria, pode considerar-se que Sapiência significa, literalmente, conhecer as palavras e os comportamentos correspondentes à verdade e que se alcança, e se obtém consciência daquilo que é verdadeiro, através dos meios científicos e do bom senso. Por outro lado, afirma-se que é a ciência que permite compreender e descobrir a verdade assim como o saber e a erudição. Os exegetas religiosos têm diversas interpretações a este propósito. Uns pensam que o termo significa profecia, outros relacionam-no com ciência, enquanto alguns o consideram, sobretudo, como um meio para atingir a verdade da mensagem de Deus.

Como é do acervo comum, a palavra "ciência" é usada repetidamente em diversos contextos e com múltiplos significados, tais como, entre outros, saber, exprimir, esclarecer, apresentar provas e argumentos. Ao inquirirmos o uso do termo e dos seus derivados, podemos mesmo deduzir que todos os seres vivos são dotados de ciência.

Devido ao actual ambiente positivista em que vivemos, é fundamental distinguir entre ciência e sabedoria pois o saber científico, ao pretender ser sapiência, acaba por concorrer para a suprimir e desde há muito que procurou reduzir a investigação intelectual ao conhecimento das causas e das definições lógicas, contribuindo assim para o triunfalismo da ciência e dando apenas valor aos pensamentos de tipo científico e desprezando as afirmações próprias da sabedoria filosófica.

¹⁰ *Idem*, pp. 970-988.

Ao reflectirmos sobre a distinção entre ciência e sabedoria, temos de evocar o grande pensador francês Jacques Maritain (1882–1973), cujas ideias sobre filosofia da ciência e epistemologia, que expôs, entre outras, nas suas famosas obras *Science et Sagesse Suivi d'Éclaircissements sur la Philosophie Morale* (1935) e *Distinguer pour Unir ou les Degrés du Savoir* (1932), continuam actuais e profundas. Maritain criticava exacerbadamente as descrições racionalistas e empíricas do conhecimento, que então eram as predominantes, e afirmava que o saber científico se distinguiu do filosófico por terem métodos e objectos de estudo muito diferentes.



Jacques Maritain

Ao ler a obra de Jacques Maritain, verifica-se que - embora tenha sofrido influências de Bergson e de Santo Agostinho - ele se distingue sobretudo por ter sido um dos principais divulgadores do Tomismo no século XX, sendo um notável e influente intérprete do pensamento de S. Tomás de Aquino tanto na Europa como nos Estados Unidos, onde ensinou nas mais prestigiadas universidades. A filosofia e a epistemologia defendidas por Maritain são claramente uma reacção ao pensamento materialista e racionalista herdado do positivismo do século XIX e, tal como ele próprio afirma, dão "prioridade ao espiritual".

Após este breve comentário ao tema da Sapiência no âmbito da filosofia, da religião e da ciência, para o enquadrar, iremos debruçar-nos sobre a sua evolução, ao longo do tempo, no Oriente e no Ocidente. Apesar da sua origem e história, a conceptualização actual e a pesquisa empírica sobre Sabedoria foram principalmente realizadas no Ocidente e os relatos provenientes do Leste foram, quase sempre, ignorados ao longo do tempo. Contudo, a fim de termos uma definição equilibrada do conceito do ponto de vista cultural, é evidente que temos de rever tanto as interpretações ocidentais como as orientais, focando os estudos, teorias e relatos históricos que têm vindo a ser realizados ao longo de séculos.

As análises mais recentes seguem um modelo culturalmente inclusivo e procuram decifrar as várias componentes que têm contribuído para a nossa actual perspectiva sobre a matéria. Com esse objectivo, para além de examinar os antigos textos ocidentais, temos de investigar também as raízes históricas do conceito que se encontram no Oriente. Esta pesquisa irá levar-nos a exumar textos de literatura antigos, ignorados ou esquecidos, que concorrem para a nossa compreensão do modo como a ideia foi tratada nessa parte do mundo.

Teremos, além disso, de reflectir sobre o seu significado e raízes históricas tradicionais do Oeste, que se encontram nas antigas literaturas egípcia, bíblica e grega e que tanto influenciaram o pensamento ocidental. Neste âmbito, é justo referir que, mais recentemente, a tradição influente e dominante foi a anglo-americana com o positivismo lógico e o neofuncionalismo¹¹, tal como já acima mencionado. Ao referirmo-nos a "tradição ocidental" estamos, portanto, a mencionar a ligação entre os textos antigos e o legado anglo-americano.

Relativamente às interpretações orientais de Sapiência, muitos analistas focam sobretudo o antigo texto védico¹², já que a tradição oriental é muito vasta e consiste em

¹¹ O funcionalismo (do Latim *fungere*, "desempenhar") é um ramo da antropologia e das ciências sociais que procura explicar aspectos da sociedade em termos de funções e considera que cada instituição exerce uma actividade específica, significando o seu mau funcionamento um descontrolo da própria sociedade. Segundo a famosa interpretação de Émile Durkheim, o facto social é exterior, pois existe antes do próprio indivíduo, e coercivo, visto que a sociedade se impõe, sem o consentimento prévio do sujeito.

¹² Na Índia, o termo védico referia-se aos Vedas, os textos mais antigos da civilização indo-ariana, que foram escritos em Sânscrito, durante o período igualmente designado como védico, e nos quais se divulgava a filosofia religiosa designada como Vedanta. Hoje em dia, a cultura védica é transmitida também através da prática de yoga, da meditação e de mantras, as palavras que, no hinduísmo e no budismo, deviam ser repetidas para ajudarem a concentração durante a meditação.

várias e diversas doutrinas que incluem os ensinamentos do hinduísmo, do budismo, do confucionismo e do taoísmo. Verifica-se também que as diferenças entre as tradições do Ocidente e do Oriente são fundamentais e devem ser consideradas como contributos de relevo para uma discussão sobre o tema da Sabedoria, dando o mote para um debate produtivo em que se cruzam saberes e se indaga das potencialidades de um entendimento esclarecido do conceito, compaginando a possibilidade de leituras diferentes ou antagónicas que se afigurem iluminadoras da discussão em curso.

Com esse objectivo, a fim de podermos estabelecer uma definição de Sabedoria que seja culturalmente equilibrada, temos de rever tanto as interpretações ocidentais como as orientais e de focar sobretudo os estudos multiétnicos de teorias implícitas e de relatos históricos de Sapiência, provenientes de ambas as tradições, porque estas análises nos auxiliam a decifrar as componentes psicológicas da definição do termo. Por conseguinte, a ideia de que as diferenças entre ambas as heranças culturais são fundamentais afigura-se como iluminadora da discussão e o facto de estas não serem mutuamente exclusivas – já que alguns aspectos dos sistemas orientais concordam com certas doutrinas do Oeste – não impede que excluam as de outras civilizações influentes, como a dos Índios americanos e as das culturas africanas, como sucedeu anteriormente.

Considerando as reflexões precedentemente feitas, podemos concluir que, no nosso tempo, é necessário discernimento face às ameaças que atordoam o mundo e perante os apelos para se criar uma visão unitária do universo. Verifica-se também que há um novo olhar sobre a ciência moderna que, na sua forma mais técnica, é cada vez mais contestada e que uma corrente de secularização marca fortemente a sociedade actual, na qual a vertente religiosa reaparece sob múltiplas formas, tais como espiritualidades orientais, e que, em alternância, se procura a referida harmonia cósmica e a ordem que a ciência poderia contribuir para estabelecer e a religião para garantir.

Ao concluir estas considerações sobre sabedoria, a fim de justificar a escolha do título, podemos evocar o famoso filósofo chinês Lao-Tze (c. 604-c. 521 a. C.), que ficou conhecido como "sábio" e foi o fundador da religião taoista, e que afirmava que "Quem conhece a sua ignorância revela a mais profunda sapiência. Quem ignora a sua ignorância vive na mais profunda ilusão."

Relativamente à definição do termo, depois das análises efectuadas, conclui-se que a sabedoria está relacionada com a experiência e a maturidade, que vai sendo adquirida ao longo da vida, e que não é um talento ou habilidade natural nem um

conhecimento técnico. Sabemos, igualmente, que este conceito evoluiu desde 1990 devido aos múltiplos estudos realizados sobre as formas variadas da inteligência, tema que extravasa o âmbito deste artigo.

Ao procurar ainda justificações para as considerações acima feitas, podemos recorrer a citações famosas relacionadas com o tema como a de Shakespeare, em *As You Like It*: "The fool doth think he is wise, but the wise man knows himself to be a fool." ou a de Aristóteles: "O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflecte."

Para finalizar, podemos argumentar que, em suma, a sapiência é o ideal mais elevado que podemos procurar alcançar tanto no nosso desenvolvimento pessoal como no colectivo e que deve ser o meio mais eficaz para atingirmos a Felicidade, o objectivo central da Educação e a luz que deve iluminar a nossa evolução futura.



Mathias Stomer, *Jovem a Ler à Luz da Vela* (1650)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Walter Truett, *The Next Enlightenment: Integrating East and West in a New Vision of Human Evolution*, London: St. Martin's Press, 2003.
- MACDONALD, Copthorne, *Toward Wisdom – Finding our Way to Inner Peace Love and Happiness*, Ontario: Dundurn Press, 1993.
- MARITAIN, Jacques, *Science et Sagesse Suivi d'Éclaircissements sur la Philosophie Morale*, Paris: Labergerie, 1935.
- , *Distinguer pour Unir ou les Degrés du Savoir*, Paris: Desclee de Brouwer, 1946.
- , "Science et Sagesse" in *Revue de Metaphysique et de Morale* 44 (1), 1935, pp. 4-6.
- MAXWELL, Nicholas, *From Knowledge to Wisdom: A Revolution for Science and the Humanities*, Pentire Press, 2007.
- PERDUE, L. G., *Wisdom & Creation: The Theology of Wisdom Literature*, Nashville: Abingdon, 1994.
- STERNBERG, Robert J. (Ed.), *Wisdom: Its Nature, Origins, and Development*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- STERNBERG, Robert J. & Jennifer Jordan (Eds.), *A Handbook of Wisdom Psychological Perspectives*, New York: Cambridge University Press, 2005.
- TAKAHASHI, M. (2000). "Toward a culturally inclusive understanding of wisdom: Historical roots in the East and West". *International Journal of Aging and Human Development*, 2000, 51(3), pp. 217-230.
- TAKAHASHI, M., & BORDIA, P.(2000). "The Concept of Wisdom: A Cross-Cultural Comparison". *International Journal of Psychology*, 2000, 35 (1), pp. 1-9.
- VASCARI, A., "Il Concepto della Sapienza nell' Antico Testamento" in *Gregorianum*, 1 (1920), pp. 218-251.
- VELASQUEZ, Susan McNeal, *Beyond Intellect: Journey into Wisdom of your Intuitive Mind*, Laguna Beach, CA: Row Your Boat Press, 2007.

